



# Os *Wolgadeutschen* (alemães do Volga), segundo o dr. Mathias Hägin<sup>1</sup>

Estevão Müller (FMS)<sup>2</sup>

---

## Dados biográficos de Mathias Hägin<sup>3</sup>

Mathias Hägin nasceu na Rússia (região do Volga), em 1918, no tempo do governo de Lênin, e pertencia ao grupo dos *Wolgadeutschen* (Alemães do Volga). Faleceu em 29 de junho de 1990, na Alemanha, em Einsingen. Foi uma pessoa de projeção internacional em pesquisa histórica da Imigração russo-alemã e um dos maiores conhecedores da história dos *Wolgadeutschen*, pois viveu na Rússia da República Socialista Soviética Autônoma dos alemães do Volga no tempo de Lênin e foi também o primeiro representante dos *Wolgadeutschen* na República Federal da Alemanha, onde se refugiou durante a Grande Guerra de 1939–1945. No seu relato, ele relembra o dia 6 de janeiro de 1924, quando, por ordem de Lênin, é proclamada a “República Socialista Soviética Autônoma dos Alemães do Volga”, que anos mais tarde será ab-rogada por ordem de Stalin, em 7 de setembro de 1941, quando já estavam constituídos quinze cantões de imigrantes alemães nos arredores de Saratov e sete cantões na região de Stalingrado, hoje chamado de Volgogrado. Em 28 de agosto de 1941, Stalin, por causa da invasão de Stalingrado pelas tropas de Hitler e por medo de que os alemães da República do Volga se aliassem às tropas do *Führer*, expulsou-os sumariamente do Volga e mandou-os, em trens de carga, despojados de tudo, para as longínquas regiões geladas e inóspitas da Sibéria e do Cazaquistão, onde ficaram presos em regime de trabalhos forçados em campos de concentração.

Na Alemanha, Hägin estudou e formou-se em Ciências Agrárias pela Universidade de Berlin (Oeste). Embora não fosse jornalista, manifestou o desejo de que sua obra despertasse muito interesse entre os leitores e estudiosos que tivessem a oportunidade de tomar conhecimento do seu trabalho.

## Suas viagens de pesquisa no Paraná

Para confirmar a exatidão de suas pesquisas históricas e suas afirmações sobre a imigração alemã no Paraná, Hägin passou um mês no Brasil e pôde observar, de perto, a realidade histórica dos *Wolgadeutschen*,

---

<sup>1</sup> Tomamos, nesse trabalho, a liberdade de acrescentar ao texto de Mathias Hägin, a título de enriquecimento, alguns dados históricos sobre os *Wolgadeutschen* a partir do historiador Carlos Heinz Eberle. Trata-se de uma rica contribuição, dentro do mesmo assunto, a dissertação de Mestrado defendida por Carlos Heinz na Faculdade de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil, em São Leopoldo, em outubro de 1982, cujo título é: *Aspectos da História dos Tendo-Russos ou Die Deutsch-Russen*.

<sup>2</sup> Professor e pesquisador, descendente dos *Wolgadeutschen* por parte de seu avô, Johannes Müller, que foi um dos fundadores do distrito de Mariental, no município da Lapa, Paraná.

<sup>3</sup> Fontes: *Wochenzeitung* — Brasil — Post (Seminário Brasileiro — n. 1726, 1727, 1728), São Paulo, 14 e 21 jan. 1984. n. 34; *106 Jahre Wolgadeutsche; Die Wanderung einer deutsche Volksgruppe*, São Paulo, 14 jan. 1984. Ano 34, n. 1726; *Das Schicksal de Wolgadeutschen in Brasilien. Correspondenz*, 15 maio 1984. n. 546; *Volk Auf dem Weg*, 8 set. 1990.

percorrendo o estado do Paraná de norte a sul para ver, in loco, em que situação viviam e onde estavam instaladas as diversas colônias de seus conterrâneos.

O Dr. Mathias Hägin e sua mulher percorreram as regiões dos *Wolgadeutschen* no estado do Paraná de 4 de fevereiro até 10 de março de 1983. Visitaram a região de Palmeira, onde existem diversos núcleos ou colônias de Alemães do Volga, como Pugas, Quero-Quero e Papagaios Novos, que chegaram ao Brasil principalmente nos anos de 1877 e 1878. Em Palmeira, Hägin tomou conhecimento da existência de um museu a céu aberto chamado Minguinho que lembra toda a história do passado das colônias dos *Wolgadeutschen*. O casal Hägin visitou, nesse período de um mês, além das colônias de Palmeira, as colônias alemãs do município de Ponta Grossa, do município da Lapa, Johannesdorf e Witmarsum.

Na região da Lapa, ele e a mulher visitaram Mariental, onde tiveram contato com o Pe. Erwin Kaufmann, Pároco da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Mariental, bom conhecedor da realidade dos alemães do Volga e praticante da língua alemã. Em Entre Rios e Rio Negro, Hägin conseguiu informações preciosas de outros grupos de imigrantes no Estado. Em Entre Rios, conheceu os Suábios do Danúbio, que são austro-húngaros de língua alemã, vindos em 1951, e em Rio Negro teve contato com os primeiros imigrantes alemães, que chegaram no Paraná em 1829. São os alemães de Trier, vindos diretamente da Alemanha. Na mesma localidade, conheceu os Bucovinos do Império austro-húngaro, de língua alemã. No município de Palmeira, ele e a sua mulher estiveram junto à Colônia dos Menonitas de Witmarsum, que também são alemães do Volga e conservam muitos traços de sua identidade, tendo inclusive um museu da memória Menonita muito rico que lembra toda a memória histórica dessa comunidade russo-alemã.

Em primeiro lugar, o historiador relata toda a história da partida de milhares de alemães da Alemanha, arrasada pelas guerras dos Sete Anos (1756–1763), para a Rússia, em 1763 e 1764, a pedido da conterrânea alemã Catarina II, que, com grande propaganda, enviou Manifestos com promessas tentadoras e irrecusáveis aos alemães e preparou mensageiros especialmente treinados, enviando-os às regiões de recrutamento na Alemanha. Esses mensageiros procuravam atrair alemães para colonizar as estepes desabitadas e áridas do Baixo Volga. Com as promessas contidas nos Manifestos, Catarina II conseguiu atrair um número considerável de famílias para a região do Volga. Relata Hägin que um dos grandes motivos da saída em massa de alemães de sua pátria e, portanto, do sucesso de Catarina II, foi a grande miséria e desânimo dos lavradores alemães, em vista da situação do país após a Guerra dos Sete Anos (1756–1763), que deixou a Alemanha dilacerada, arrasada e empobrecida. Muitos alemães, inclusive, perderam grande parte de sua juventude em guerras intermináveis para onde esses jovens eram enviados ou convocados. O desejo de paz, de prosperidade, de liberdade política e de culto religioso era o que aquele povo muito queria ao deixar seu país. Catarina II, muito esperta, aproveitou-se, portanto, da ocasião de uma Alemanha empobrecida e esfacelada, oferecendo grandes vantagens para os que se mudassem para a promissora Rússia. A oferta de Catarina II, a Grande, era, realmente, tentadora e irrecusável para quem nada mais esperava do futuro da Alemanha, constantemente em guerras fratricidas e vivendo um sistema feudalista já ultrapassado.

Diante das promessas de encontrarem na Rússia uma “Terra Prometida”, alistaram-se nessa aventura imprevisível milhares de pessoas das mais diversas profissões e classes sociais. Entre os novos imigrantes havia nobres, oficiais do exército, acadêmicos, artesãos e gente do povo, assim como lavradores e negociantes, todos prontos a trabalharem, cada um na sua profissão, no território russo. Chegados, porém, à Rússia, em Oranienbaum, na região de São Petersburgo, e sem possibilidade de voltar novamente à sua Pátria, a Alemanha, esses homens, com grande estranheza e revolta, foram informados de que todos estavam destinados a dedicar-se, unicamente, às tarefas agrícolas, à lavoura, mesmo que muitos dentre eles nunca tivessem tido ocasião de trabalhar no campo. Essa atitude fora uma verdadeira traição, pois, quando da aceitação do convite, Catarina II havia-lhes prometido que na Rússia todos poderiam exercer livremente as profissões de sua preferência ou especialidade, por mais diferentes que fossem. Nesse momento da chegada à Rússia, tinham que jurar fidelidade à rainha Catarina II.

O número desses decepcionados imigrantes que trocaram a própria Pátria pela Rússia era grande. De 1764 até 1769, mudaram-se para a Rússia aproximadamente 8.000 famílias, perfazendo um total de 27.000 pessoas que foram enviadas para colonizar as estepes áridas do Baixo Volga, ainda inexplorado. No ano de 1824, o número de colônias ou povoados já havia se elevado a 192 colônias, sendo 38 de católicos,

oito de Menonitas, duas de católicos-evangélicos, misturados, e os demais eram luteranos de culto evangélico. Naturalmente, quando de sua chegada ao local designado, tiveram uma grande surpresa, pois nada do que lhes havia sido prometido fora encontrado. Esses pioneiros do Volga, surpresos, não encontraram moradias prontas, viram-se diante de uma terra deserta e, sem possibilidade de encontrar madeiras, tiveram que construir suas casas de taipa ou improvisar cabanas da forma mais precária e primitiva possível ou, pior ainda, cavá-las na própria terra para preservar-se das intempéries e do rigoroso inverno cujo frio na região chegava a níveis siberianos a que não estavam acostumados esses alemães.

No primeiro ano, desprevenidos, tiveram que enfrentar um inverno rigoroso nessas moradias precárias, tendo que até construir moradias subterrâneas. Passado o inverno, era a vez de um verão cujo calor era insuportável. Tudo isso trazia enorme desconforto e sofrimento a esses colonizadores, desacostumados a tantas mudanças climáticas. A falta de colheitas, nos primeiros anos, obrigou-os a se conformar com uma alimentação deficiente. Enfraquecidos e em condições climáticas adversas, esses colonos começaram a ter que enfrentar doenças que atingiam principalmente as crianças e as pessoas idosas com muitas mortes. A falta de chuvas na região, o solo inadequado e fraco e o atraso no envio de sementes para plantio, por parte do governo, tiveram como consequência más colheitas, o que trouxe também o flagelo da fome para toda a região, além de doenças endêmicas. Aliás, de 1769 até 1775 as colheitas, por falta de conhecimento do solo e pelo clima adverso, foram ruins e os colonos quase nada obtiveram. Seguiu-se um período de grande fome. Aliás, além desses contratemplos, havia ainda os ataques dos cruéis e sanguinários Kirquízios, dos Kolmucos, nômades que eram ladrões selvagens, assassinos e que, além de verdadeiros massacres e roubos do pouco que era produzido, ainda prendiam, maltratavam e comercializavam esses colonos como escravos que eram levados e vendidos aos mercados asiáticos de Buchara e Chiva. Muitos eram torturados e depois mortos cruelmente. Marienthal, na região do Volga, foi um dos pontos que sofreu muito com esses ataques, com sequestros, roubos, assassinatos, torturas, escravidões, mortes, estupros.

Apesar das promessas de Catarina II de ficarem livres do serviço militar “por tempos eternos”, e “isentos de impostos do Estado”, após a morte da czarina, no tempo de Alexandre II (1855–1881), foram convocados os primeiros grupos de jovens do Volga para o serviço militar, no ano de 1875, e os impostos também vinham cada vez mais pesados. Quanto ao serviço militar, este era um verdadeiro pesadelo para as famílias, principalmente de casais recém-casados, pois durava de três a sete anos. Os jovens convocados eram, geralmente, enviados para as frentes de guerra, onde corriam sério risco de morte ou voltavam mutilados. Além do mais, ainda eram acusados como sendo culpados pela invasão de Hitler à Rússia e, portanto, na guerra deviam ser enviados aonde houvesse maior perigo. Ora, isso trazia grande preocupação e enorme desgosto às famílias dos *Wolgadentschen*. Além de menosprezados, aos poucos as autoridades russas iam, também, retirando os privilégios outorgados por Catarina II, como aconteceu no reinado de Alexandre III (1881–1894) que, além dos pesados impostos, limitou a autonomia administrativa das colônias dos *Wolgadentschen* e proibiu, inclusive, o uso da língua alemã nas escolas. Os professores vindos da Alemanha eram impedidos de lecionar e proibidos de criar novas escolas.

A segunda geração dos filhos de imigrantes alemães cresceu completamente analfabeta. Essas medidas foram trazendo revolta e desânimo à comunidade alemã do Volga. A permanência dos alemães do Volga na Rússia era seriamente questionada e começaram os movimentos de emigração para as Américas. Mesmo quando, graças ao seu esforço, criatividade e tecnologia, começaram os alemães a melhorar sua situação econômica e gozar de um razoável bem-estar, esses colonos eram, então, invejados e odiados pelos russos, que os consideravam “intrusos”, “pessoas não gratas ao país” e rogavam pela sua saída, pois não podiam suportar o seu progresso, sua autonomia diante da miséria e da situação de escravidão em que se encontravam os servos russos. Diziam: “A Rússia é para os russos” dando a entender que os alemães russos não eram russos, embora já estivessem na Rússia havia mais de um século. Era o início da “russificação” e da “eslavofilia”.

## A falta de terras disponíveis no Volga e o início das migrações

Outro problema criado para os pais que imigraram para a Rússia era o fato de terem prole numerosa para ajudar no campo. A superpopulação, sem maior concessão de aquisição de terras aos imigrantes na região do Volga, obrigou os filhos dos colonos a procurar propriedades longe dessa região e, portanto, longe do convívio dos seus pais e familiares. Tudo isso, mais o serviço militar obrigatório, criava motivos mais do que suficientes para provocar desânimo e alimentar o desejo de deixar a Rússia, país que, ao saírem da Alemanha, era para ser a “Terra Prometida” dos *Wolgadeutschen*. Na realidade, a permanência na Rússia diante de inúmeros problemas criados pelo governo russo estava sendo um pesadelo e a saída para as Américas era iminente. Com Alexandre II (1855–1881) e Alexandre III (1881–1894) começaram as discriminações, a perda da autonomia e dos direitos adquiridos. Veio logo a proibição do uso da língua germânica nas escolas; foram criadas questões religiosas com a igreja ortodoxa russa. Isso tudo esmoreceu os alemães russos e deu início ao projeto da grande migração dos *Wolgadeutschen* para as Américas.

Para o Brasil, a imigração começou já em 1874 e estavam programados para os próximos anos, principalmente para 1877 e 1878, pelo governo de D. Pedro II, perto de 20.000 imigrantes alemães. O número efetivo, porém, não chegou a um terço do programado pelo governo, por causa do crescente descrédito no modelo de colonização adotado pela administração de D. Pedro II em solo brasileiro. Para o Canadá, a imigração teve início em 1875, sendo este país procurado mais pelos Menonitas, que tiveram grande sucesso no cultivo do trigo. Para os Estados Unidos, o início se deu em 1876, sendo os imigrantes oriundos de diversas colônias do Volga. Dirigiram-se mais para Nebraska, Kansas, Iowa e Arkansas com boas referências sobre o país. Na Argentina, o início se deu em 1878. Os novos imigrantes da Argentina eram principalmente lavradores, que deixavam a Rússia pois queriam dedicar-se ao plantio de trigo nos novos países escolhidos, gozar de liberdade de culto e tornarem-se proprietários de terras.

O plantio do trigo pelos alemães do Volga deu certo na Argentina, pois este país, ao destinar terras apropriadas a essa cultura, tornou-se um grande exportador de trigo de qualidade, inclusive para o Brasil. Neste país, um grande número de *Wolgadeutschen* instalou-se, chegando, segundo alguns autores, a aproximadamente 500.000. No Canadá, também houve grande sucesso na plantação do trigo feito pelos Menonitas, que conseguiram produzir trigo de alta qualidade para exportação. Nos Estados Unidos, esses imigrantes deram-se bem, embora a plantação de trigo não tenha tido tanta repercussão quanto na Argentina e no Canadá. No Brasil, no entanto, o plantio de trigo não deu certo, pois as terras concedidas pelo governo brasileiro, não eram apropriadas para isso. Eram florestas e mata virgem. Por falta de incentivo do governo e não tendo outras alternativas, esses colonos tiveram que dedicar-se a outras plantações, como feijão, milho, centeio, batata, cevada, mandioca. Meteram-se também a abrir estradas, criar gado e animais domésticos para sobreviver, pois a pobreza crescia cada vez mais. Houve também os transportadores de erva-mate por carroções de até seis a oito cavalos. Era comum ainda ver o transporte de toras de madeira de lei, pinho e imbuia para construção de casas de madeira e exportação. Essas eram puxadas das florestas por juntas de bois ou cavalos.

Com o tempo, muitos dos que tinham certa posse deixaram o Brasil. Aqueles que, apesar de tudo, permaneceram, meteram-se no plantio da erva-mate e na exploração de madeira e tornaram-se, com o tempo, responsáveis pelo início do grande comércio da erva-mate, de madeira de lei e de outros produtos de grande consumo, usando os famosos carroções russos de vários cavalos para transporte. O comércio, nesse novo modelo lucrativo, explorava os grandes centros urbanos do Paraná. Assim, esses *Wolgadeutschen* conseguiram sair da extrema pobreza em que viviam e alguns se deram tão bem que se tornaram pessoas de razoáveis posses. Os carroções formavam enormes comboios que percorriam as precárias estradas do Paraná levando progresso às colônias e às grandes cidades.

## O que aconteceu com os alemães do Volga que permaneceram na Rússia

Os alemães do Volga que resolveram permanecer na Rússia, por diversos motivos, nunca conseguiram gozar de completa paz e liberdade. Nos anos de 1914–1918, houve a Primeira Guerra Mundial, em que esteve



envolvida a Alemanha contra a Rússia, e os alemães do Volga e de outras regiões dominadas pela Alemanha, como a Bessarábia, Cáucaso, Volínia, na atual Ucrânia, sofreram graves consequências e discriminações. Ao retirar-se o exército alemão dessas regiões, o exército russo tomou conta e os descendentes de alemães foram vítimas de grandes perseguições, discriminações, deslocamentos forçados, mortes dentro do território russo.

Os soldados e famílias de origem alemã eram mandados para as geladas regiões da Sibéria Asiática. Além de perderem tudo, ainda eram mantidos em situação de verdadeira escravidão em trabalhos forçados e recebendo uma alimentação precária. Além do mais, foram também proibidos de usar a língua alemã e vigiados constantemente como elementos perigosos. Em outubro de 1917, houve a revolução Bolchevista sob o comando de Lênin e Trotsky e a entrada do comunismo na Rússia. Nesse período, houve muitos massacres e a introdução de uma ideologia atea com perseguições aos membros de credos religiosos e propaganda do ateísmo. Muitos habitantes do Volga morreram em combate contra o Exército Vermelho de Lênin. Era o Exército ou Partido Vermelho de Lênin contra o Exército Branco (exército contrarrevolucionário).

Nesse período, houve ainda a Guerra Civil entre o Partido Branco (reacionários) e o Partido Vermelho (comunistas) e o confisco das propriedades e fábricas pelos operários do regime soviético comunista. Isso paralisou tudo na Rússia e de 1920 a 1924 a Rússia sofreu a grande fome, em consequência do fracasso das medidas econômicas introduzidas pela coletivização das terras e fábricas. Houve a supressão da liberdade de culto e a propaganda da “salvação pelo materialismo”. Em 1924, morre Lênin, que é substituído pelo cruel Josef Stalin. No governo desse ditador, houve, já em 1928, a liquidação dos chamados kulaks como classe social e a coletivização das terras dos camponeses médios e pobres. Os *Wolgadentschen* sempre estiveram envolvidos na aplicação dessas medidas do regime comunista, pois eram tidos como proprietários de terras e, portanto, tratados como kulaks, isto é, inimigos do Estado.

De 1941 a 1945, houve a Segunda Guerra Mundial e, em 22 de junho de 1941, iniciou-se a guerra entre a Alemanha e a União Soviética, com gravíssimas consequências para os *Wolgadentschen*. Estava em jogo a conquista de Stalingrado ou Volgogrado pelas tropas de Hitler.

Stalingrado era considerada ponto estratégico para a conquista da Rússia pelas tropas de Hitler. Com isso, os alemães da região do Volga, vizinha de Stalingrado, em 28 de agosto de 1941, foram banidos de suas terras e residências, espoliados de seus bens e expulsos sumariamente da sua “República Socialista Soviética Autônoma dos *Wolgadentschen*”. Todos foram mandados em trens de carga para a Sibéria, Cazaquistão e Ásia Central e suas casas e propriedades, lacradas pelos agentes do governo. Muitos morreram nesse traslado desumano, outros foram obrigados a se submeter a trabalhos forçados em campos de concentração na gelada Sibéria.

Nunca mais puderam reconquistar seus bens roubados no Volga nem voltar para as regiões de onde foram expulsos. Muitos, num gesto de desespero, para não serem fuzilados como kulaks, ousaram empreender uma espetacular fuga da Sibéria, em época de inverno, através da estrada de ferro Transiberiana, e refugiaram-se na China, de onde, mais tarde, por meio de delicadas ações diplomáticas, conseguiram licença para refugiar-se no Brasil e hoje estão vivendo no extremo oeste de Santa Catarina, na região de São Carlos, Caíbi, Mondai, São João do Oeste, Lagoinha e junto ao rio Uruguai.

## **As colônias dos *Wolgadentschen* no Brasil**

A maioria, para não dizer a totalidade das colônias dos *Wolgadentschen* do Paraná, ao contrário de outros países onde progrediram, não conseguiu alcançar grandes progressos no Estado, a não ser com muitos sacrifícios e a longo prazo. Depois de mais de um século (139 anos), ainda não se tem notado significativo progresso nessas pequenas comunidades, muitas delas isoladas, longe dos grandes centros comerciais. Algumas dessas comunidades até desapareceram.

A pobreza desses imigrantes vindos da Rússia, desde sua instalação, somada às condições climáticas adversas e às características agrestes da natureza e do solo onde foram instalados, junto a florestas, tornou-os verdadeiros desbravadores de áreas selvagens. As terras concedidas eram inapropriadas para o cultivo de

trigo e cereais, tarefa em que esses imigrantes eram especialistas. Vinha ainda a falta de incentivo dos órgãos governamentais aos colonizadores e as condições físicas dos locais indicados, sem nenhuma infraestrutura habitacional, sem estradas, sem meios de transporte, longe das grandes cidades para a venda de seus produtos, além das dificuldades com a língua portuguesa. Essas e outras foram as grandes causas do atraso dessas comunidades de imigrantes alemães vindos da Rússia.

Além do que já foi dito, houve também dois períodos de perseguição contra os alemães em geral, sediados no Brasil por época da Primeira (1914–1918) e da Segunda (1939–1945) Guerras Mundiais, em que o país esteve envolvido na guerra contra a Alemanha. Isso também foi motivo para grandes perseguições aos alemães sediados no Brasil. Houve depredações, roubos, discriminações, prisões, perseguições, proibição da fala e ensino da língua alemã aos descendentes de alemães.

Não fossem suficientes esses contratemplos, houve ainda nas colônias situadas nos arredores da Lapa, como Mariental, Johannesburg, Colônia Municipal, Pugas, Quero-Quero e outros povoados, prejuízos enormes com a Revolução Federalista (1894), com saques, roubos, prisões e mortes de habitantes obrigados a servir a um ou outro lado dos líderes da Revolução. A convocação de qualquer lado era obrigatória e a recusa era castigada com a condenação à morte certa, pela degola.

Tudo isso trouxe grande atraso nos primeiros anos da colonização alemã no Paraná. Dom Pedro II mesmo constatou isso em sua visita às colônias dos *Wolgadentschen*, em 1880. A movimentação política de 1889 que destituiu D. Pedro II retirou uma série de privilégios dos colonos russo-alemães concedidos pelo Imperador, como isenção de impostos e concessões de prazos para títulos de terras. Isso tudo empobreceu ainda mais esses já pobres colonos recém-chegados.

### **Novas soluções mudam as condições de vida dos colonos russo-alemães no Paraná**

A solução encontrada pelos colonos alemães para sair da pobreza foi abandonar a dependência do governo e criar um novo modelo de comércio local com a indústria da fabricação de carroças de grande e pequeno porte. A fabricação de grandes carroções de até oito cavalos, que serviriam para explorar longínquas regiões desconhecidas do interior do Paraná, mesmo em estradas precárias e correndo perigos constantes, foi a alternativa escolhida. O plantio e a exploração da erva-mate, o comércio de madeiras de lei, as pequenas indústrias locais ajudaram o povo a levantar-se.

As vendas desses produtos locais eram feitas em Curitiba, Paranaguá, Guarapuava, Antonina, trazendo grandes lucros para a localidade. Começou-se, aos poucos, a cuidar do cultivo, beneficiamento e transporte da erva-mate; o comércio de madeiras de lei para construções também trouxe grandes lucros. Em Mariental, foi instalada uma ferraria, apoiada pela Fundação Mueller em Curitiba, que fornecia o material e tecnologia para a fabricação de carroças, arados, ferragem de cavalos, ferramentas de trabalho. Essa ferraria era de propriedade da família Bach. Vieram em seguida fábricas de café das famílias Hornung.

A indústria das construções de madeira e material progrediu com carpinteiros, marceneiros. Instalou-se um açougue, uma sapataria e casas comerciais. Estradas eram abertas pelos próprios colonos. Casas de material eram construídas, substituindo as pobres casas de madeira e taipa. Os partos eram feitos na localidade por parteiras práticas. Os alunos faziam grandes progressos com a atuação do famoso professor Carlos Weil, grande líder e incentivador da cultura na Colônia. Padres franciscanos alemães de Rio Negro vinham e davam incentivo a festas, ao teatro, à cultura com criação de corais, bandas. Havia um automóvel Ford 29 que servia para emergências e transporte de doentes graves para hospitais a longas distâncias. Carroças e mais carroças comercializavam grande quantidade de produtos agrícolas do cultivo das roças para as cidades por carroceiros de pequeno e grande porte.

Foi uma grande fase de progresso até a vinda das guerras do Brasil contra a Alemanha, que atingiu em cheio os imigrantes alemães do Paraná e de outros estados brasileiros com discriminação racial, perseguições, proibição de amostras da cultura alemã, prisões, roubos, incêndios, exílios. Isso deixou marcas negativas profundas durante muito tempo entre os colonizadores alemães. Hoje, em clima de paz, eles estão retomando os valores de sua identidade étnica.

Até a vinda das guerras e perseguições, cada família de imigrantes vivia em paz e tinha seus animais domésticos de estimação, seus meios de transporte em carroças fabricadas in loco, com cavalos robustos e bem treinados, tanto para as carruagens como para montaria. Havia abundância de leite para as crianças com boas vacas leiteiras. Criavam-se suínos e aves domésticas. Cultivavam-se hortaliças; árvores frutíferas eram abundantes em casa e nas roças. Os mais diversos produtos essenciais à vida das colônias — trigo, centeio, batatas, melancias, aveia, amendoim, pepino — sempre estavam presentes, cultivados no campo. A culinária era variada e típica dos alemães, as cervejas tinham fórmulas caseiras próprias. Para as crianças, havia boas escolas para o Ensino Fundamental. Os templos foram construídos pelos próprios colonos. Com a venda dos produtos, muitos melhoraram suas condições de vida.

Hoje, essas colônias apresentam boas condições de vida, com a sua população vivendo confortavelmente em casas de material amplas e de bela aparência. Um ponto alto desses alemães é que cuidam da boa educação dos filhos, que, após saírem das suas comunidades rurais, frequentam as melhores escolas e universidades nas grandes cidades.

### **A preservação dos valores da própria identidade**

Muitas comunidades de alemães russos, ou não russos, conservam ainda o uso da língua alemã e mantêm suas tradições e costumes germânicos, como é o caso dos Suábios do Danúbio, em Entre Rios, no município de Guarapuava, e dos Menonitas de Witmarsum, no Município de Palmeira, que zelam pela sua identidade e falam e divulgam a língua alemã. Algumas do norte e oeste do Paraná — Cândido Rondon, Rolândia — também mantêm fortes tradições alemãs. Certas comunidades russo-alemãs do oeste de Santa Catarina, como Caibi, Monday, Riqueza, São Carlos, São João do Oeste, e talvez ainda outras não se deixaram abater pelas dificuldades, perseguições e perda de bens. Hoje essas comunidades estão fazendo questão de conservar alguns elementos étnicos essenciais que lembram sua cultura, sua identidade e os costumes próprios da sua etnia.

Há também comunidades que, mesmo, após as guerras, revoluções, medos e discriminações, como houve em Mariental e outras colônias do município da Lapa, hoje vivem bem, com belas residências de material, pintadas de cores vivas, amplas e confortáveis. Conservam o estilo próprio da etnia russo-alemã. As escolas locais estão bem equipadas e as igrejas bem cuidadas e bem frequentadas. Em vez das carroças veem-se, hoje, automóveis em quantidade e caminhões carregados de mercadorias, circulando.

A família Hammerschmidt instalou postos de combustíveis em Mariental e em diversos outros lugares. Há também restaurantes e posto de saúde. Nas roças, em vez da enxada, da foice, do arado puxado a cavalos são os tratores que lavram os terrenos. Para não esquecer a memória do passado, já se pensa num futuro museu da memória russo-alemã em Mariental, pois o museu virtual já existe e é bem-conceituado. Aliás, para lembrar o passado étnico, já existem museus da memória étnica bem equipados em Witmarsum, em Entre Rios, em Santa Rosa. No Município de Palmeira, há o famoso museu da memória de Minguinho, no sítio do historiador Arnaldo Monteiro Bach. Esse museu é conhecido nacionalmente.

A cultura sempre foi parte essencial do povo alemão e, hoje, os filhos desses colonos, ao deixarem as colônias, estudam nas cidades, em faculdades e universidades das grandes cidades e concorrem com as mais diversas profissões do mercado. Hoje é outro momento histórico, longe dos tempos das perseguições e discriminações da etnia alemã, provindas das guerras, revoluções e dificuldades. Graças à paz de que hoje se goza, graças ao esforço e ao trabalho do povo, vivem-se outros tempos de paz, de bem-estar, de progresso e autonomia. Pode-se, com orgulho, proclamar que todas as profissões estão presentes em grandes e pequenas cidades e colônias entre os filhos das comunidades russo-alemãs.